

TEATRO
30 NOV

→ QUI

19h00 • 21h00

duração aprox 0H40

maiores de 14



unraveling

→ Visões Úteis

Local
auditório TAGV

Teatro Académico de Gil Vicente

Praça da República
3000-343 Coimbra, Portugal
teatro@tagv.uc.pt

A criação original do *Visões Úteis* no segundo semestre de 2023, marca o reencontro com Mafalda Banquart que, seis anos depois de integrar o elenco da peça “Velocidade de Escape”, se junta agora a Ana Vitorino e Carlos Costa já não só enquanto intérprete, mas como coautora. Um encontro que dá novo passo num trajeto caracterizado pela partilha de autorias e o desejo de confronto entre diversas disciplinas, metodologias, gerações e abordagens – de que são exemplos as mais recentes criações “TANG PING, um western moderno sobre não ser ninguém” (com Gemma Rodríguez) e “O Grande Museu da Consciência de Elon Musk” (com Jorge Palinhos e Miguel Mira).

unraveling

O primeiro documento de partilha criado entre nós data de 2020, e tem o título “Conversar Devagar”. Nessa altura tínhamos algumas referências soltas, mas a grande premissa era o nosso encontro. Um diálogo entre as nossas linguagens artísticas, éticas de criação e visões do mundo. Da conversa, precisamente, deveriam surgir e afunilar-se temas até um discurso comum, para o qual posteriormente encontraríamos uma concretização estética. Isto, imaginávamos nós, seguindo um modelo negocial em que íamos fazendo cedências, assumindo que as nossas diferenças nos obrigariam a isso.

Mas, por muito devagar que conversássemos, nunca afunilávamos nada, as nossas conversas apenas se iam desdobrando nas suas infinitas ramificações. E, quando às vezes parávamos para nos tentar situar, para perceber se naquelas possibilidades de caminho poderia haver alguma que valesse a pena seguir, acabávamos a falar do próprio desenrolar da conversa. Sobre o “como” e não sobre o “o quê”. Estávamos muito curiosos e interessados naquela direção cada vez mais dispersa das conversas, e por isso começámos a desconfiar que essa forma particular que tínhamos de conversar, esse “como”, podia constituir a nossa proposta. Porquê tentar disciplinar-nos, tentar travar aquele fluxo, que, mesmo desordenado, ia encontrando simultaneidades e sincronias, em certos temas gerais - como a ecologia, a

arte, a política - e deparava com a procura transversal de empatia - entre seres, tempos, dimensões - e a crença na metamorfose como única certeza universal possível?

Foi a escuta desse fluxo que nos apontou a direção: trabalhar num dispositivo que se pudesse construir a partir do desenrolar, do desdobrar, do “unravel” daquele conversar, num modelo alternativo de apreensão, experiência, exposição e articulação de conteúdos e temas. Criando um espaço cénico a que nos habituámos a chamar “atelier mental”, orientámos todas as dimensões do espetáculo em função deste deambular: a escrita dos textos, os percursos que o público faria connosco, as proporções e posicionamento dos elementos cenográficos, como se encenássemos o encontro de vários fluxos de consciência. E essa encenação é um curto-circuito entre a materialidade e a abstração, plasmado nesta multiplicidade de sentidos da palavra deambular, uma proposta de justaposição entre o tocar o pensar.

E, ao potenciar o nosso modo errático de conversar em vez de o recusar, não esperávamos estar também a chegar a formas surpreendentes de encontro, em que a perspetiva individual de cada um e o que é comum se vão entrelaçando, através da intersecção dos nossos fluxos de consciência. Não esperávamos que tivesse sido o espanto e o entusiasmo pelas deambulações e interesses uns dos outros que nos iriam fazer avançar para lá das nossas supostas diferenças e criar o tal diálogo, assim cumprindo a nossa primeira premissa. E, mais uma vez, esse espanto e esse entusiasmo, mas também o respeito, o cuidado e a confiança que experimentámos entre nós ao longo destes anos, tornaram-se princípios dramaturgicos, de construção das cenas e também de relação com o público. Ao compreendermos a sua importância no modo como chegámos à construção coletiva apesar da heterogeneidade das nossas visões e identidades, quisemos experimentá-los e aplicá-los ao “estar em conjunto” que faz parte do ver e fazer teatro. Antecipámos e especulámos muito acerca de formas de encaminhar o público, decidindo tomar o risco da confiança e abdicar de sistemas

mais normativos de controlo. São a confiança e o cuidado que estão na base do desenho e encontro dos nossos percursos ao longo do espetáculo, na fragilidade dos materiais manipulados tanto por nós como pelo público. E são o espanto e o entusiasmo que vão determinando cada paragem, a relação com o que nos vai rodeando e aparecendo no caminho, aquilo acerca do qual vamos sugerindo reflexões.



Visões Úteis

O Visões Úteis é um projeto artístico sediado no Porto, onde foi fundado em 1994. O teatro foi a raiz de uma atividade constante e intensa que rapidamente se alargou a outras áreas das artes performativas, como a Performance na Paisagem e a Performance em Comunidade. A criação artística é o núcleo de uma atividade que se alastra por variados domínios como a programação, a circulação nacional e internacional, a edição, o desenvolvimento de públicos e territórios, a edição, a investigação e a formação da equipa. Aqui, os sentidos e limites do estético e do ético, da arte e da política, são debatidos e negociados todos os dias, o que explica as transformações que o projeto constantemente atravessa.

Ana Vitorino (Setúbal, 1973)

Fundou o Visões Úteis (VU) em 1994; aqui exerce atividade como dramaturga, encenadora e atriz, tendo sido codiretora Artística até 2021.

Iniciou a sua atividade artística no CITAC – Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra. Fez formação com Paulo Lisboa,

João Grosso, Andrejev Kowalski, Anatoli Vassiliev, Marcia Haufrecht, Joseph Danan, entre outros. Já no VU trabalhou como atriz com encenadores como António Feio, João Paulo Seara Cardoso, José Wallenstein, Nuno Cardoso e Diogo Dória.

A partir de 1999 alargou a sua atividade à dramaturgia e direção, assumindo a autoria de inúmeros processos de criação dramática original, para teatro e Performance na Paisagem, muitos deles alvo de edições literárias, leituras vídeo, adaptações cinematográficas e integração em parcerias internacionais.

De 2009 a 2021 foi ainda responsável pelo desenvolvimento do Programa de Artistas Associados do Visões Úteis e do Serviço Educativo – que em 2020 deu lugar a uma mais ampla linha de programação - integrando os processos criativos contemporâneos nas comunidades envolventes e reforçando o papel da arte como factor de inclusão, participação política, qualidade de vida e, mais recentemente, desenvolvimento do território

De 2010 a 2015 integrou os órgãos sociais da PLATEIA – Associação de Profissionais das Artes Cénicas.

É licenciada em Psicologia – Área Clínica pela Universidade de Coimbra e em Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses e Alemães pela Universidade Aberta.

Carlos Costa (Porto, 1969)

Iniciou atividade no CITAC em 1992 e fundou o Visões Úteis em 1994. Exerce atividade como dramaturgo, dramaturgista, encenador e ator, destacando-se a coautoria de inúmeros processos de criação original tanto para teatro como para Performance na Paisagem e em Comunidade, muitos deles alvo de leituras vídeo e integração em parcerias internacionais, assumindo também a direção destas últimas. A sua obra para teatro tem sido sucessivamente publicada pelas editoras de referência em Portugal. Em 2018 lançou o seu primeiro romance, e em 2021 o segundo, ambos com chancela da Teodolito.

É Professor Auxiliar Convidado da Universidade de Coimbra, onde é responsável pelas disciplinas de História do Teatro e do Espetáculo II e Dramaturgia e Escrita Teatral, respetivamente na Licenciatura e Mestrado em Estudos Artísticos. Entre

2005 e 2013 foi professor de Dramaturgia na Academia Contemporânea do Espetáculo, no Porto. É também Investigador Integrado do CEIS20 - Centro de Estudos Interdisciplinares, da Universidade de Coimbra, tendo como áreas de interesse: Profissionalização, identidade, inscrição, memória e arquivo.

É membro dos órgãos sociais da PLATEIA – Associação de Profissionais das Artes Cénicas e da GDA - Direitos dos Artistas, e participante ativo no IETM – International Network for Contemporary Performing Arts, onde integrou o Advisory Board, entre 2013 e 2016; no mesmo período integrou também o Conselho de Curadores da Fundação GDA.

Licenciado em Direito e pós-graduado em Estudos Europeus pela Universidade de Coimbra, Mestre em Texto Dramático pela Universidade do Porto e Doutor em Estudos Teatrais e Performativos pela Universidade de Coimbra.

Mafalda Banquart (Porto, 1992)

Formou-se na Academia Contemporânea do Espetáculo, em 2013.

Em Teatro as suas produções mais recentes são: “Party”, criação Estrutura (co-produção TMP), “Pathos”, criação Estrutura (co-produção TNSJ), Velocidade de Escape, criação Visões Úteis (co-produção TNSJ), “O Despertar da Primavera”, criação Teatro Praga (co-produção CCVF, CCB e TNSJ) e “O Nome da Rosa”, criação Pedro Zegre Penim e Hugo Van der Ding (co-produção TMP).

Em cinema, participou em várias curtas e longas – metragens, das quais destaca “Post-mortem”, curta-metragem com realização de Belmiro Ribeiro e vencedora dos prémios Melhor Curta Portuguesa no Motel/X e 2º lugar nos prémios Sophia Estudante da Academia Portuguesa de Cinema, 3ª edição; bem como “A Floresta das Almas Perdidas”, longa-metragem realizada por José Pedro Lopes, da produtora portuense “Anexo 82”.

Em televisão destaca a sua participação nas séries da RTP “Verão M”, realizada por João Carvalho e Patrícia Sequeira e “O nosso cônsul em Havana”, realizada por Francisco Manso; e ainda duas participações especiais em novelas portuguesas – “Santa Bárbara” (TVI) e “Coração d’Ouro” (SIC).

Como criadora assinou os espetáculos “IMPAR”, “IMPARidades”, “What Plato said to Ariana Grande”, “Um quarto só para si” e a instalação “my technological pets”.

Criação e Interpretação

Ana Vitorino, Carlos Costa, Mafalda Banquart

Cenografia, Figurinos, Adereços:

Maria Manada

Banda Sonora Original, Sonoplastia, Desenho de Som

Vasco Zentzua

Vídeo, Design Gráfico

Sara Allen

Desenho de Luz

Pedro Correia

Coordenação de Produção

Alice Prata

Assessoria de Comunicação

Raquel Batista

Contabilidade

Helena Madeira

Produção Visões Úteis em coprodução com Teatro Municipal do Porto e Teatro Académico de Gil Vicente

O Visões Úteis é uma estrutura financiada pela Direcção Geral das Artes do Ministério da Cultura,

T

A

G

V



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



dgARTES
DIRECÇÃO-GERAL
DAS ARTES



tcp
Rede Teatros
e Cineteatros
Portugueses